

ISSN 0101 - 3335

LETRAS DE HOJE

Nº 69

SETEMBRO DE 1987

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras
Centro de Estudos da Língua Portuguesa

Letras de Hoje
estudos e debates de
assuntos de lingüística,
literatura e língua
portuguesa

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65

66

67

68

69

70

71

72

73

74

75

76

77

78

79

80

81

82

83

84

85

86

87

88

89

90

91

92

93

94

95

96

97

98

99

100

EXPEDIENTE

LETRAS DE HOJE

Fundada em 1967

Administração: Avenida Ipiranga, 6681

Caixa Postal 1429

90.000 Porto Alegre - RS - Brasil

Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras/Centro de Estudos da Língua Portuguesa em convênio com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — CNPq.

Director: Prof. Ir. Elvo Clemente

Vice-Director: Prof. José Marcelino Poersch

Revisão e correspondências:

Prof.^a Maria Rita Motta Guedes Quintella

Conselho Editorial

Para assuntos lingüísticos: Augustinus Staub, José Marcelino Poersch, Leonor Scliar Cabral, Feryal Yavas e Mehmet Yavas.

Para assuntos literários: Gilberto Mendonça Teles, Heda Maciel Caminha, José Edil de Lima Alves, Petrona Domingues de Rodrigues Paquês e Regina Zilberman.

Para assuntos interdisciplinares: Ignacio Antônio Neis e Urbano Zilles. A Revista aceita contribuições de sua especialidade.

Os originais enviados à Revista não serão devolvidos, mesmo que não sejam utilizados.

A Revista aceita trocas.

On demande l'échange.

We ask exchange.

Preço da assinatura

— 4 números anuais —

Brasil: Cx\$ 60,00

Exterior: US\$ 30

Número avulso: Cx\$ 25,00

Os pagamentos podem ser feitos por cheques bancários ou através de vale postal em favor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SUMÁRIO

Ir. Elvo Clemente — Apresentação	p. 7
Carlos Drummond — Estou rezando o meu próprio réquiem	p. 9
Mirna Dietrich — Drummond: o homem-poeta e a solidão	p. 13
Rachel de Queiroz — Depoimento sobre "O quinze"	p. 35
Josué Montello — Depoimento de um romancista	p. 39
Adonias Filho — Experiência de um romancista	p. 47
Telênia Hill — Por uma conceituação de teoria literária ...	p. 57
José N. Ornelas — Do inferno ao paraíso: a jornada de Juvenal	p. 67
Ir. Elvo Clemente — Aspectos estilísticos do texto literário	p. 81
João Ferreira — Corpus seletivo da poesia contemporânea da Guiné-Bissau	p. 87
Marinalva Freire da Silva — As seqüências "LH" e "NH" em português	p. 91
Antonio Roazzi — A importância do contexto na comunicação	p. 101
Lelia Erbolato Melo — Magda Soares	p. 113
Ir. Elvo Clemente — Florbela Espanca	p. 114
Ir. Elvo Clemente — Ernani Fornari	p. 114
Antonio Mottin — De Maróstica a Garibaldi (Introdução)	p. 115

APRESENTAÇÃO

Letras de Hoje, nesta edição, presta homenagem à memória de CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, falecido na noite de 17/8/87, com dois textos: "Estou rezando o meu próprio réquiem", e "Drummond: O homem-poeta e a solidão" de Mirna Dietrich. Ambos os textos caracterizam o POETA.

Neste número de **Letras de Hoje** estamos publicando três importantes depoimentos apresentados no Seminário de Crítica Literária em dezembro de 1977, coordenado pelo Prof. Gilberto Mendonça Teles. Dez anos depois mantém plena atualidade. Trata-se do depoimento sobre "O QUINZE", de Rachel de Queiróz; depoimento de um romancista, de Josué Montello; e Experiência de um romancista, de Adonias Filho.

José N. Ornelas, professor da University of Massachusetts – Amherst, apresenta "Do inferno ao paraíso: a jornada de Juvenal". Telênia Hill, professora da UFRJ trata de situar a conceituação de Teoria Literária. Ir. Elvo Clemente sugere "Aspectos estilísticos do texto literário". João Ferreira, da UnB traz uma amostra da poesia contemporânea da Guiné-Bissau. Marinalva Freire da Silva, da UFPb e doutoranda da Complutense de Madrid, estuda seqüências lh e nh em Português". Antonio Roazzi, professor de Psicologia da UFPR discute "A importância do contexto da comunicação".

Os vinte anos de trabalhos, de pesquisas e de vitórias de **Letras de Hoje** são celebrados pelos quatro números de 1987.

IR. ELVO CLEMENTE

“ESTOU REZANDO O MEU PRÓPRIO RÉQUIEM”

(Do Segundo Caderno de Zero Hora, 18/08/87.)

Drummond nunca foi um otimista, nem mesmo quando sua poesia estava voltada para as mudanças políticas e sociais, nem quando esteve próximo do PC. Entretanto, os anos fizeram crescer o ceticismo, que se tornou absoluto há poucos dias quando morreu Maria Julieta, sua filha, também poeta e escritora. Ela morreu de câncer, após uma prolongada agonia. Drummond a acompanhou sempre e alguns amigos, preocupados, tentaram aliviar a dor do poeta: se Maria Julieta estava desenganada, em coma, por que permanecer horas e horas a seu lado, morrendo com ela? Talvez certo que nada mais lhe restava, prevendo que a própria morte não iria demorar. Drummond fez o seu último grande verso, amargo e dolorido como o seu sofrimento: “Estou rezando o meu próprio réquiem”. E permaneceu até o fim ao lado da filha.

Mas mesmo antes da morte de Maria Julieta o mundo já estava acabado para o poeta Carlos Drummond de Andrade, como transparece claramente de sua última entrevista concedida ao *Jornal do Brasil*, do Rio. Era como se o mundo tivesse perdido qualquer significação para ele, justamente para ele, poeta cerebral, que buscava, através da palavra e dos versos, construídos geometricamente, dar significado à existência, às coisas, às relações. Perto dos 85 anos, Carlos Drummond de Andrade estava como que à espera da morte, desejando esse encontro definitivo e absoluto. Perdera completamente a vontade de escrever, seu ofício e sua vida. Encerrava a carreira um dos maiores escritores brasileiros, que se confessava descrente e desiludido. A vida — e a morte — certamente determinavam a sua desistência. Porém contribuía decisivamente para o seu amargo estado de espírito a desilusão com que ele via a poesia de hoje no Brasil. No dia 8 deste mês, o *Jornal do Brasil*

publicou aquilo que viria a ser o testamento literário do poeta, talvez o maior de todos do Brasil, Carlos Drummond de Andrade. Eis alguns trechos do depoimento derradeiro de Drummond:

“Não tenho escrito. Deixei de escrever porque estou com praticamente 85 anos. O que me impelia a escrever era a obrigação profissional. Terminada a obrigação, tenho descansado. Aliás, não tenho descansado, porque tenho estado doente desde o ano passado”.

“Não sinto vontade de escrever. Já escrevi demais. Agora já é o momento de deixar o trabalho e ficar assistindo aos novos que vão aparecendo, vão se manifestando e vão despertando interesse.”

“Os tempos são ruins. É um fenômeno universal, uma espécie de deterioração dos conceitos e do sentimento estético. Em qualquer país do mundo é a mesma porcaria! E não só em poesia, como em literatura em geral, nas artes plásticas e até na música.”

“O que sinto é descrença e desilusão. Mas não me sinto amargurado porque não sou responsável por este quadro. Não contribuí para ele. Não tenho nenhuma queixa de mim mesmo. Não há motivo para eu ficar pessoalmente infeliz. O que lamento é que as novas gerações não tenham mais os estímulos intelectuais que havia até 30 ou 40 anos passados”.

“Já dei minha mensagem, hoje não tenho mais nada a dizer. Mas nunca pretendi manifestar mensagem nenhuma. Eu procurei é dizer os meus versos transmitindo a emoção que eu sentia no momento... A maioria das pessoas que me consideram o maior poeta brasileiro não leu o que escrevi. Ouviram falar... Nunca me julguei, nem julgo, e digo mais, não sei qual o maior poeta brasileiro de hoje nem de ontem. Para mim não há maiores poetas. Há poesias. E cada poeta é diferente dos outros”.

“A popularidade nada tem a ver com a poesia. A popularidade pode acontecer. Mas um grande poeta pode também passar despercebido. A popularidade não tem a menor importância.”

“A ignorância não é privilégio da juventude de hoje. A ignorância está sendo permitida pelos mais velhos. Hoje em dia há no Brasil uma geração dominante que ignora a língua portuguesa. Ignora até normas banais de educação. É uma decadência de ordem geral que tem pelo menos 30 a 40 anos — talvez mais”.

“Sinceramente, sou uma pessoa terrivelmente corajosa, porque não espero nada de coisa nenhuma. Não tenho religião, não tenho partido político. Vivo em paz com meu critério moral...”

“Não há nenhuma base científica para afirmar a existência de Deus.”

“E será profundamente penoso ir a Itabira para morrer. Iria dar trabalho aos outros.”